

# Hora da Mudança

## A EVOLUÇÃO DAS GANGUES NA NICARÁGUA

As gangues são geralmente consideradas como uma importante ameaça à segurança na América Central no pós Guerra Fria. Entretanto, elas são muitas vezes apresentadas de maneira sensacionalista, seja em reportagens da mídia, estudos acadêmicos ou documentos políticos e a esmagadora maioria das informações acessíveis sobre as gangues da América Central são consequentemente imperfeitas, com estatísticas oficiais particularmente inconsistentes por toda parte.

**A esmagadora maioria das informações acessíveis sobre as gangues da América Central é imperfeita.**

Este capítulo se vale de uma primeira pesquisa detalhada para oferecer uma análise comparativa minuciosa das trajetórias evolutivas, no pós Guerra Fria, das gangues associadas a dois *barrios* (bairros) em Managua, a capital da Nicarágua. Ele se baseia em 30 entrevistas detalhadas que os autores realizaram com os atuais membros e com ex-membros de gangues entre junho e setembro de 2012, bem como na pesquisa longitudinal etnográfica em andamento, que eles realizam nestes dois bairros desde a década de 90.

O capítulo tem como foco, principalmente, o inconstante padrão de uso de armas leves pelos membros das gangues, explorando os diferentes tipos de armas empregadas em momentos diferentes ao longo do tempo, a natureza mutável do mercado negro de armas, a ascensão e queda de atores armados e a relação do envolvimento que estas gangues – chamadas *pandillas* – possuem com as suas comunidades locais. As gangues se desenvolveram de maneiras distintas nos dois *barrios*, devido a uma série de fatores específicos de contexto. Apesar das fases iniciais de desenvolvimento das gangues terem sido semelhantes, suas trajetórias subsequentes divergiram de maneira significativa.

As principais conclusões deste capítulo são:

- A propagação e a forma das *pandillas* nicaraguenses no período pós Guerra Fria foram inicialmente ligadas às consequências da Guerra dos Contras, nos anos 80, incluindo em particular a desmobilização dos jovens recrutados pelas forças armadas. Subsequentemente, as gangues institucionalizaram-se através de um processo de territorialização local.
- As gangues em diferentes bairros urbanos podem desenvolver dinâmicas evolutivas próprias que têm influência sobre o uso das armas de fogo e os resultantes níveis de violência. Estas mudam ao longo do tempo devido tanto aos fatores internos como aos fatores externos.
- Internamente, um ou dois indivíduos podem fazer uma diferença crucial para o modo de desenvolvimento de uma gangue na Nicarágua, bem como o quanto ela se tornará violenta, principalmente em relação à aquisição de conhecimento especializado sobre o uso de armas de fogo.
- Externamente, as mudanças na disponibilidade de armas e munições e a presença de outros atores armados influenciam fundamentalmente no uso de armas de fogo pelos membros das gangues.
- O uso de armas de fogo pelos membros da *pandilla* não evoluiu de maneira linear, o uso de armas de fogo aumentou de forma constante durante a década de 90, vindo a diminuir durante a década seguinte, antes de aumentar novamente por volta de 2010.



Ex-membro de gangue mostra sua tatuagem e a cicatriz de um ferimento de facção, Managua, julho de 2007. © Dennis Rodgers



Uma espingarda de fabricação caseira (*chimba*). © José Luis Rocha

- Armas de fogo industrializadas eram mais comuns nos anos 90 do que nas décadas seguintes, quando as armas de fabricação caseiras se tornaram mais difundidas, até ao ponto em que elas se tornaram o principal tipo de armas de fogo associadas às gangues.

De maneira geral, os membros de gangues nicaraguenses apresentam um nível relativamente baixo de sofisticação em seu uso de armas de fogo, exibindo uma abordagem mais oportunista do que sistemática para a aquisição de armas. No entanto, o fato das gangues desenvolverem uma dinâmica evolutiva própria, que influencia o seu uso de armas de fogo e os resultantes níveis de violência, mostra que as gangues não são

apenas um reflexo das condições “macroestruturais”, mas que suas dinâmicas são também o resultado de uma série de “micro-fatores” internos e externos.

O uso de armas de fogo pelos membros de gangues não é apenas dependente da disponibilidade, por exemplo. Um fator interno crucial diz respeito à transmissão do conhecimento sobre o uso de armas de fogo. Nos dois *barrios* pesquisados, os conhecimentos técnicos sobre as armas de fogo foram inicialmente transmitidos no fim dos anos 80 e início dos 90 por jovens que haviam sido recrutados para o serviço militar, conseqüentemente, uma espécie de efeito “telefone sem fio” acabou por fazer este conhecimento se tornar cada vez mais diluído. Na virada do século, estes desenvolvimentos levaram a um aumento no número de acidentes com armas de fogo em ambos os bairros; entretanto, cada vez mais armas também acabam por quebrar, devido aos cuidados inadequados. Esta tendência foi interrompida em um dos dois *barrios*, quando uma única pessoa, que havia servido o exército entre 1997 e 2002, renovou os conhecimentos dos membros da gangue, o que, por sua vez, levou esta gangue a se tornar uma das mais violentas na região.

**Gangues desenvolvem dinâmicas próprias que afetam o seu uso de armas de fogo e os níveis de violência, em resposta tanto aos fatores internos quanto aos externos.**

As trajetórias das duas gangues durante a década de 90 também destacam a importância das figuras de líderes individuais e, em particular, como estes contribuem de maneira significativa para a institucionalização de práticas particulares de violências. As figuras de liderança diminuíram na década seguinte, mas ao invés disto resultar em gangues menos violentas, esta tendência fez as *pandillas* se tornarem mais imprevisíveis e mais sujeitas à manipulação e dominação por atores externos. Estes desenvolvimentos são relevantes para estratégias antigangues baseadas em tentar “decapitar” as gangues com a prisão (ou assassinato) de seus líderes, mostrando como esta abordagem pode resultar numa violência e insegurança maiores, do que a brutalidade mais previsível e geralmente gerenciada por uma organização claramente liderada.

**Políticas de intervenção eficazes devem ser informadas por compreensões qualitativas precisas das dinâmicas específicas de gangue.**

De maneira semelhante, as evoluções contrastantes das gangues nos dois *barrios* destacam como os processos de “pacificação” – os quais são na realidade apenas o fechamento de espaços nos quais as gangues podem surgir – podem ocorrer tanto de um jeito violento ou não violento. Esta lição é importante para toda a região da América Central, onde políticas brutais de repressão antigangues popularmente conhecidas como *Mano Dura* têm sido evidentemente falhas e, na verdade, muitas vezes acabaram por aumentar a violência das gangues. As políticas de intervenção mais eficazes, no entanto, se mantêm orientadas pelo contexto e devem ser informadas por compreensões qualitativas precisas das dinâmicas específicas de gangue. ■